

CARTOGRAFIA SUBJETIVA EM TERRITÓRIO FEMININO KILOMBOLA: EM BUSCA DA UTOPIA DO *BEM VIVER*

SUBJECTIVE CARTOGRAPHY IN KILOMBOLA FEMALE TERRITORY: SEARCHING FOR THE LIVE WELL UTOPIA

Valéria Viana Labrea
Pedro Eduardo Kiekow
Denise Freitas Dornelles

Como citar este artigo:

LABREA, Valéria Viana; KIEKOW, Pedro Eduardo; DORNELLES, Denise Freitas. Cartografia subjetiva em território feminino kilombola: em busca da utopia do bem viver In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.31., p. 107-120, Jan-Jun. 2019.

Recebido em: 30/12/2018

Aprovado em: 02/05/2019

Publicado em: 30/06/2019

ISSN 2316 8412



Cartografia subjetiva em território feminino kilombola: em busca da utopia do *bem viver*

Valéria Viana Labrea^a
Pedro Eduardo Kiekow^b
Denise Freitas Dornelles^c

Resumo: Este artigo traz resultados iniciais do projeto de pesquisa e extensão universitária Pedagogia do Encantamento e Economia do Afeto: Cartografia Subjetiva em Território Feminino Kilombola. Apresentaremos especificamente um primeiro nível deste mapa, a metodologia – a cartografia subjetiva e uma parte da história da Comunidade e seus moradores, organizada a partir das narrativas dos pesquisadores e pesquisadoras e dos outros moradores do kilombo.

Abstract: This article bring initial results of reserch and extension projetc of university Pedagogy of Enchantment and Ekonomics of Affection: Subjective Cartography in Female Territory Kilombola. We will present specifically a first level of this map, the methodology - the subjective cartography and a part of the history of the Community and its inhabitants, organized from the narratives of the researchers and the other inhabitants of the kilombo.

Palavras Chave:

Cartografia Subjetiva; Kilombo; Território; Gênero.

Keywords:

Subjective Cartography; Kilombo; Territory; Gender.

^a Professora Adjunta na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na área de Política e Gestão da Educação no Departamento de Estudos Especializados. E-mail: valeria.labrea@ufrgs.br

^b Educando do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFRGS. E-mail: pedro.kiekow@gmail.com

^c Educanda do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFRGS. E-mail: okarancartografias@gmail.com

INTRODUÇÃO

Eu canto pros antepassados
Pros meus aliados,
Pros meus Orixás.
Peço Ago Yê Mojubá
Pras minhas Yás
Pra saravá!

Semente de Baobá

Este artigo traz resultados iniciais do projeto de pesquisa e extensão universitária Pedagogia do Encantamento e Economia¹ do Afeto: Cartografia Subjetiva em Território Feminino Kilombola², realizado pelo Coletivo de Pesquisadoras e Pesquisadores Kilombolas OKARAN³ formado por kilombolas moradores da Comunidade Kilombola Ecológica Morada da Paz, Território de Mãe Preta (CoMPaz) e pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O projeto de pesquisa tem como objetivos: elaborar uma cartografia subjetiva, que mapeie, descreva e reflita sobre os saberes e fazeres da CoMPaz para salvaguardar o patrimônio material e imaterial kilombola, através das narrativas e da experiência social dos sujeitos que compõem a comunidade. Para isso buscamos descrever e analisar as vivências no Território Kilombola CoMPaz, considerando as estratégias de sustentabilidade do território, especificamente a Economia Afetiva; refletir sobre as práticas e os saberes que caracterizam a Pedagogia do Encantamento e as categorias que a compõem e que buscam romper com o senso comum, racista e patriarcal predominante na sociedade.

A metodologia adotada, a cartografia subjetiva, nos permitiu entender a Comunidade Kilombola Morada da Paz, Território de Mãe Preta, e o modo como ela se organizou coletivamente para participar da pesquisa, a fim de dialogar com características do kilombo: a oralidade, a circularidade, o ensinar pela cultura, tradição e história, o fazer junto, as decisões coletivas no ipadê - que em iorubá significa encontro, união e designa as rodas de conversa na Comunidade. Foi dentro do Território que definimos uma gramática para a pesquisa e as categorias que iríamos privilegiar nessa etapa inicial da pesquisa: a memória dos moradores sobre sua chegada ao Território e como contam essa história, os elementos da cultura e espiritualidade que são incorporadas nos rituais do território, suas estratégias de sustentabilidade e o modo como se educam e

1 Grafamos economia com k para aludir a *oikos* que significa casa no grego. Economia, portanto, é uma grafia que para os kilombolas da CoMPaz tem o sentido de buscar essência da *oikonomia* grega, que visava o *cuidado da casa*. Esta cosmovisão, coerente com os valores e a ética kilombola, se opõe à economia ortodoxa condicionada ao pensamento capitalista, racional, lógico e utilitarista que não incorpora em seus modelos a subjetividade e o bem comum.

2 Queremos esclarecer nossa opção pela grafia de *kilombo*, *kilombola* com k, pois entendemos que ao renomear, tentando capturar um outro sentido, ligado à etimologia da palavra, optamos por ressignificar politicamente estes termos, antes associados historicamente a processos de colonização e ao capitalismo e, agora, redefinidos, falam da experiência social da Comunidade Kilombola Morada da Paz (CoMPaz). A língua, como se sabe, é um dos principais instrumentos de dominação política e cabe, portanto, resistir aos sentidos impostos pelo colonizador e se abrir para a polissemia. Em áreas bantas na África, nos contam as Yás, *kilombo* significava *sociedades de homens guerreiros*. No Brasil colonial, a denominação *quilombo* passou a designar o local para o qual homens e mulheres, africanos e afrodescendentes, que se rebelaram ante a sua situação de escravizados e fugiram das fazendas, se refugiaram em florestas e regiões de difícil acesso, onde reconstituíam seu modo de viver em liberdade. Entendemos que kilombo, grafado com q é uma adaptação do colonizador ao termo africano e a usaremos sempre que citarmos textos de outros autores que foram grafados desse modo. Mas para designar o Território de Mãe Preta, suas práticas e processos educativos e de sustentabilidade, iremos grafar *kilombo* com k a fim de afirmar que estamos em uma disputa que é política e linguística, para que se recupere o sentido africano da palavra.

3 O Coletivo OKARAN é coordenado por uma docente do curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que foi convidada pela Yá da CoMPaz, por orientação de Mãe Preta, a organizar um coletivo de pesquisadoras e pesquisadores kilombolas, moradores do Território, a fim de organizar e sistematizar o registro e a memória dos conhecimentos contextuais e das tecnologias sociais que são vivenciados e produzidos no kilombo. Atualmente o OKARAN é formado por um morador (BaOgan) e 4 moradoras (Yashodhan, Yamorô, Yabacê, Opá-Tenondé), uma colaboradora (Folaiyan), um educando e uma docente da EduCampo.

educam os jovens e crianças. Por isso dialogaremos com as narrativas já produzidas pelos pesquisadores e pesquisadoras do OKARAN sobre a CoMPaz, principalmente BaOgan (2017), Yashodhan e Kiekow (2017), Yabacê e Yashodhan (2017), Opá Tenonde e Yamorô (2018), Folaiyan (FLORES, 2018), Labrea (2016). O bem viver enquanto utopia possível de um outro modo possível de viver em comunidade nos foi trazido pela leitura de Acosta (2016).

A cartografia (ROLNIK:1989; DELEUZE; GUATARI:1995) é uma pesquisa-intervenção (KASTRUP et al, 2015 e 2016) que nos permitiu organizar os textos, as falas resultantes das vivências na CoMPaz como narrativas. A narrativa tradicionalmente é atribuída a uma obra literária e suas características são descritas por Todorov (2006, p.211) que atribui a narrativa (literária) duas características: ela é simultaneamente história e discurso. A história evoca uma certa realidade, acontecimentos e personagens. E discurso porque existe um narrador que relata essa história. Na nossa perspectiva, tomamos a narrativa como uma história e um discurso⁴ (Pêcheux: 1997) sobre acontecimentos reais, vividos no cotidiano dos sujeitos da pesquisa. Todorov na mesma obra vai falar que a narrativa literária parte de uma visão ou ponto de vista. Na narrativa kilombola nos identificamos com o lugar de fala (RIBEIRO, 2017) que é falar a partir da perspectiva de mulheres negras e de suas condições de produção, ou seja, suas condições materiais, sociais, culturais, simbólicas, política de existência.

A opção metodológica pela cartografia se justifica porque preferimos deixar que as narrativas já estabelecidas contem essa história. As subjetividades individuais e coletivas adquirem um papel relevante nos “estudos culturais sobre identidades construídas sob a forma de narrativas” (SANTOS, 2005: p.19). Nos propomos, a partir do método cartográfico, entender que práticas são desveladas e como se organizam esses novos sujeitos epistêmicos e seu lugar de fala. Essa abordagem pressupõe um novo modo de produzir conhecimentos, necessita de uma racionalidade mais ampla, em que se amplia a diversidade epistemológica do mundo ao credibilizar a experiência social e ao reconhecer que existem infinitas formas de descrever, ordenar e classificar o mundo.

Na nossa perspectiva, a cartografia subjetiva organiza, de forma participativa, para além da representação geográfica ou territorial de paisagens, as narrativas que descrevem as formas de viver e intervir no território, as experiências e tecnologias sociais ali desenvolvidas, a cosmovisão e a simbologia que agregam camadas, adensando esse mapa. A cartografia subjetiva dialoga com as histórias de vida, o registro pictórico, fotográfico, as filmagens, entendendo-as como narrativas que registram as memórias e a experiência social que o coletivo pesquisador e os demais moradores do kilombo desejam fixar como registro da sua experiência (LABREA:2017).

No OKARAN ficou claro, desde o início, que um dos aspectos fundamentais do kilombo eram as narrativas e as vivências - entendidas como experiências coletivas que atestam o estar no mundo e a forma como se educam e educam as crianças e jovens na CoMPaz.

4 Pêcheux estabelece que o discurso é “efeito de sentidos entre interlocutores que enviam para lugares determinados na estrutura de uma formação social” (PÊCHEUX: 1997, p.82). Por efeito de sentido entende-se que o sentido sempre pode ser outro, dependendo do lugar social em que os interlocutores se inscrevem. As condições de produção mostram a conjuntura em que um discurso é produzido, bem como suas contradições. As CP remetem a lugares determinados na estrutura de uma formação social. As relações de força entre esses lugares sociais encontram-se representadas no discurso por uma série de “formações imaginárias que designam o lugar que o destinador e o destinatário atribuem a si e ao outro”, construindo desse modo o imaginário social (PÊCHEUX: 1997, p. 82).

As vivências são momentos em que nos possibilitamos experimentar, sentir, perceber, transcendendo padrões lógicos e racionais de pensamento. Podemos então “viver” na mais pura acepção da palavra, sem nos preocupar com conceitos, pré-conceitos ou juízos de valor, sentindo-nos plenos e conectados ao nosso real ser e ao cosmos. As vivências em nosso kilombo caracterizam-se além da subjetividade de percepções que provocam em cada um dos irmãos/irmãs, por terem um forte envolvimento coletivo/comunitário e um componente espiritual predominante. O lugar é a base para as nossas vivências e o conjunto de nossas vivências constitui a nossa história e sustentam a nossa territorialidade (BAOGAN, 2017, p.9-10).

Desse modo, foi dentro do kilombo que decidimos o que iríamos pesquisar. Fizemos uma vivência onde participaram desde os mais novos aos mais velhos e todos revelaram aspectos da economia e da pedagogia que eram importantes incluir na pesquisa, também nessa vivência escolhemos as ideias-força que iriam orientar nosso estudo. Essa atividade foi gravada e é a referência a qual retornamos quando queremos retomar os combinados. Essa pesquisa está sendo construída pela própria comunidade: nada sobre nós sem nós é um ethos que direciona a pesquisa e traduz um esforço de construir e difundir um saber kilombola singular, com categorias, metodologias, dinâmicas e expressões próprias. No caso do kilombo, utilizamos o nada sobre nós sem nós para marcar um território enunciativo no qual o lugar de fala sobre nossa pesquisa sobre e com o kilombo pertence a uma kilombola ou a uma pesquisadora que o kilombo autorizou a falar ou escrever sobre ele. Neste processo interessa particularmente reconhecer que essas narrativas criam uma ponte entre mundos - o mundo da experiência e o mundo do refletir sobre a experiência.

A cartografia proposta é relevante para entendermos as dinâmicas e experiências sociais da CoMPaz, ao refletirmos sobre a importância dos saberes e fazeres construídos pelos sujeitos que compõem o Território Kilombola que garantem uma pedagogia para transmissão de seus conhecimentos e seu modo de gerar sustentabilidade. Isso é necessário para a salvaguarda da memória do jeito de ser e de viver da CoMPaz, inspirado no Bem Viver, o Buen Vivir que por sua vez é inspirado no Sumak Kawsay, de origem kichwa e que dialoga com o teko porã dos guaranis e na ética da filosofia africana do ubuntu “eu sou porque nós somos” que preza “viver em aprendizado e convivência com a natureza” e “se apresenta como uma oportunidade para construir coletivamente uma nova forma de vida” (ACOSTA, 2016, p. 11-14; 23).

Na perspectiva adotada, as memórias, os saberes tradicionais, as tecnologias e experiências sociais, retratadas a partir de vivências e narrativas são territórios de pesquisa, campos empíricos férteis para uma cartografia subjetiva que busca relacionar os conhecimentos do passado ao presente e ao futuro, caracterizada por uma narrativa afirmativa que mostra o que a comunidade kilombola possui e sua potência latente.

COMUNIDADE KILOBOLA MORADA DA PAZ, TERRITÓRIO DE MÃE PRETA

Deus é uma mulher preta
E por natureza sei que vou sobreviver
Deus é uma mulher preta
Benção minha mãe para lutar e escrever

A morte meu país genocida reservou pra mim
Porém minha alma não é uma semente daqui
É semente da mente de Deus é de lá do onde eu vim
Rainhas de ontem e hoje florescem em mim

A morte atravessa os sonhos de pretos aqui
Encaro e grito pro Estado não saio daqui
Minha mãe me abençoe e dê forças pra eu prosseguir
Seus olhos d’água refletem a força que moram em mim
Jéssica da Silva Gaspar

Carvalho et al (2002) descrevem a definição clássica de quilombo, que vigorou até meados da década de 1970. Em 1740, reportando-se ao rei de Portugal, o Conselho Ultramarino descreveu da seguinte forma o quilombo: “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões neles”(CARVALHO et al: 2002, p.2). Nessa descrição há a presença de cinco elementos: “a fuga, uma quantidade mínima de fugitivos, isolamento geográfico, em locais de difícil acesso e mais próximos de uma natureza selvagem que da chamada civilização, moradia habitual, referida no termo rancho, autoconsumo e capacidade de reprodução, simbolizados na imagem do pilão de arroz” (CARVALHO et al: 2002, p.2). O Decreto 4887/2003 amplia esse entendimento e reconhece que comunidades quilombolas são grupos étnico-raciais segundo critérios de “auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida” (BRASIL, 2003, p.1). Em 2013, levantamento do governo federal indicava cerca de 214 mil famílias e 1,17 milhões de quilombolas em todo Brasil (BRASIL:2013). Algumas dessas famílias vivem na Comunidade Kilombola Morada da Paz, Território de Mãe Preta.

A CoMPaz é uma comunidade quilombola espiritual e ecológica, em um terreno de 5,57 hectares, habitada por mulheres e homens negros que migraram da região metropolitana de Porto Alegre para a área rural do Distrito de Vendinha, no município de Triunfo, no Rio Grande do Sul, com o intuito de viver de um modo sustentável e solidário, em harmonia com o ambiente e com suas tradições ancestrais como caminho para uma melhor qualidade de vida. A CoMPaz foi reconhecida como um território quilombola pela Fundação Cultural Palmares, conforme publicação no Diário Oficial da União de 20.05.2016. BaOgan, Babá⁵ fundador da comunidade e pesquisador do OKARAN, explica que a CoMPaz tem uma trajetória distinta dos quilombos tradicionais:

Realizamos um movimento com algumas singularidades. Não saímos das fazendas para locais interioranos de difícil acesso e localização, numa migração rural-rural como eles, mas fizemos um percurso da cidade para o campo quando iniciamos na CoMPaz um trabalho de profunda entrega à espiritualidade, de conexão com a terra e todos os seres vivos. (...) Fomos inicialmente nos autorreconhecendo como negros e negras herdeiros(as) de um povo lutador, buscando recuperar a nossa história, a nossa cultura e a nossa identidade. Nosso jeito de ser e de viver, nosso processo de resiliência enquanto comunidade foi reconhecido pela Fundação Cultural Palmares em 2016, que nos certificou como autorreconhecidos quilombolas (BAOGAN, 2017, p.2).

Para chegar ao Território, contam que foram orientados por Mãe Preta que disse que encontrariam “duas velhas centenárias” que lhes mostrariam o caminho. Eles levaram algum tempo para perceber que ela se referia a duas poderosas velhas figueiras e não a duas senhoras idosas como imaginaram inicialmente. Quando viram as árvores no Território enfim compreenderam que ali seria sua Morada. Mãe Preta é uma preta velha que acompanha há mais de 20 anos Yashodhan, a Sangoma⁶, guia espiritual e guardiã da cosmovisão da Nação Muzunguê⁷, a Yá que guarda e comanda os ritos no terreiro.

5 *Baba* é pai e *Yá* é mãe em iorubá. Na CoMPaz as lideranças são chamadas de *Yás* e *Baba*.

6 *Sangoma*, na tradição africana, é a pessoa que é chamada para curar e através dela os ancestrais do mundo espiritual podem se manifestar, dar conselhos para curar doenças e desarmonias.

7 O Muzunguê é oriundo do *kikongo*, cujo significado se aproxima da ideia de acolhimento. É um terreiro de chão batido onde se faz atendimentos espirituais, “assemelham-se às casas de Umbanda, ainda que também não sejam exatamente isso – pois em um mesmo espaço-tempo ritual manifestam-se as entidades do Batuque, do Candomblé e da Umbanda” (FLORES, 2018, p.108), e tem as “*preces práticas* e a noção de *meditação ativa* (...)”, o não consumo de carne e de álcool, a compreensão de que o corpo é formado por pontos energéticos, os *chakras* que são atribuídas ao Budismo”(FLORES, 2018, p.115). No Muzunguê há um trabalho de recuperação dos ritos ancestrais, como, por exemplo, a introdução dos tambores nos rezos ou *orins*, como chamam os pontos cantados em louvação aos orixás.

Como aquela que guarda o poder da unidade, Yá é mãe de outros tantos, não apenas daquelas que compartilham consigo o sangue, mas de outras e outros filhas e filhos espirituais. Cada vez mais entregue à vida espiritual, busca fortalecer, com seus companheiros de vida e com as entidades que a guiam em busca de um mundo mais digno, a existência da Comunidade Morada da Paz: lugar de acolhimento, de cuidado, de cura, de vivências de saberes e de fortalecimento da vida. Aos seus filhos e filhas, ensina muito. Dentre tanto, o poder que cada um carrega de ser a transformação que queremos ver no mundo (MORADA DA PAZ, 2018).

Sua companheira, Mãe Preta, é reconhecida como a Yabá⁸ ancestral e mãe da comunidade. Seu Sete, um Exu-Rei é o pai da comunidade. Conta Flores, em sua tese de doutorado, que Seu Sete e Mãe Preta “acompanharam o processo desde o início e, por isso, por tudo o que produzem e cuidam, são considerados a Mãe e o Pai da comunidade e de todos que dela participam” (2018, p.57). Flores fala do encantamento da sua chegada no território ao se deparar com uma comunidade espiritual feminina kilombola:

Mulheres negras, moradoras de uma comunidade espiritual rural, onde todas as integrantes são filhas de um Exu e de uma Preta-velha. Mulheres negras que definiram suas práticas espirituais como universalistas, a partir da relação estabelecida entre três matrizes: budismo tibetano mahayana, práticas afro-brasileiras – incluindo Umbanda, Candomblé e Batuque – e xamanismo indígena mbyá-guarani (FLORES, 2018, p.15).

Afirmamos que Comunidade Kilombola Ecológica Morada da Paz, Território de Mãe Preta é um território negro feminino, pois a grande maioria das moradoras são mulheres que salvaguardam a cultura matricial de seu povo. Elas nos contam nas rodas de conversa que, aos poucos, “os homens foram indo embora” do território e as mulheres permaneceram. Essa característica não é incomum nos relatos de outras mulheres negras onde as famílias se desagregam e os homens deixam as mulheres, geralmente para criar seus filhos sozinhas. O que é incomum nessa narrativa é como essas mulheres subverteram uma memória histórica de discriminação em função de raça, gênero e classe social porque em seu território reconstróem essa memória a partir das atividades de cuidado que pautam sua organização, suas estratégias educativas e de sustentabilidade comunitárias (LABREA: 2017). Ficar, permanecer no kilombo é resistir e investir na vida comunitária e reinventar um modo de ser e estar no mundo diferente daquele que o mundo lhe apresentava (FLORES, 2018, p.142).

O feminino, nesta perspectiva é considerado uma força e em uma roda do grupo de pesquisas OKARAN, ao abordarmos esse assunto, sobre “as que ficaram” houve a seguinte reflexão: “a comunidade sempre foi uma força feminina, mesmo quando o número de homens era igual. Sempre se pensou como fazer, como falar, como conviver com mais cuidado, mais afeto, com mais flexibilidade” embora reconheçam que “tem momentos que a energia masculina é importante para a comunidade (...) quando se estabeleceram os princípios norteadores precisou de uma força mais dura, mais inflexível” (idem, p.169-170).

O masculino e o feminino enquanto forças estão presentes nos homens e nas mulheres do Território e essa presença gera um equilíbrio, embora tanto os homens quanto as mulheres no Território de Mãe Preta tenham escolhido deliberadamente desenvolver seu lado espiritual⁹ e comunitário e priorizar as atividades de cuidado e cura que são identificadas como forças femininas.

Sobre a chegada no Território BaOgan explica:

8 Yabá é o termo usado no candomblé para as Orixás femininas.

9 Na CoMPaz, entende-se por *espiritualidade* a conexão que qualquer ser pode estabelecer com quaisquer forças que participam do cosmos. O conceito de cosmos é o espaço por excelência da diferença. Atenta para o fato de que há inúmeros povos e seres que o habitam – incluindo ar, sol, árvore, cachorro, homens brancos, mulheres negras, eguns, divindades e outros tantos possíveis de nomear em suas diferenças, outros que não se sabe nomear e outros, ainda, que nem ao menos se sabe da existência. A *espiritualidade* possibilita que essa heterogeneidade possa se comunicar, através do que é chamado de *mediunidade*. Essa, por sua vez, pode ser realizada de muitas formas, por conversas, visões, sonhos, sensações, incorporações, intuições, criações, entre outras tantas (FLORES, 2018, p.174).

Nenhum de nós chegou à Comunidade Morada da Paz em 2002 com o propósito de fundar um kilombo. Com o passar do tempo fomos recuperando a nossa história, a nossa cultura e fazendo um mergulho profundo na espiritualidade. (...)Fomos aos poucos interagindo com esse lugar e nos apropriando de suas características, reconhecendo suas singularidades, desconstruindo conceitos sobre o viver rural e construindo saberes baseados no nosso próprio cotidiano. Esse processo não findou. Podemos dizer que ele é contínuo, pois estamos sempre refletindo sobre os movimentos que desencadeamos (BAOGAN, 2017, p.3-4).

A organização da comunidade é em uma hierarquia circular, há diferentes grupos que dialogam: as Yás e o Baba, as mais velhas e o mais velho da comunidade, fundadores da comunidade e responsáveis pelas principais decisões; as Egbomis, as irmãs mais velhas da comunidade; as Iaós, as iniciadas mais novas. Há também os Odomodês, os jovens, os Omadês, as crianças e os pitocos, que são as crianças de até 5 anos de idade (FLORES, 2018, p.16). As decisões são tomadas nos Ipadês, círculo de diálogos, onde todos, desde os pitocos às Iyás falam e escutam e as entidades protetoras do território indicam caminhos possíveis.

BaOgan conta que as pessoas “vinculadas à irmandade levam a ritualística e o jeito de ser e de viver para os lugares que vão em missão ou que moram em tempo parcial. Com isso o lugar energético CoMPaz extrapola a dimensão física e se constitui em um importante elemento do patrimônio imaterial da Nação Muzunguê” (BAOGAN, 2017, p.3) E que em “nosso lugar as relações são próximas, fortes e intensas. Todos se cumprimentam com o Namastê Odirê¹⁰, se abraçam ao sair e ao chegar, ao iniciar um novo dia. Nos ipadês há o pedido de Ago Yê Mojubá¹¹ para que a fala e a escuta seja sagrada e há muitos momentos de partilha, nas refeições e nos ritos” (BAOGAN, 2017, p.5).

Os moradores e moradoras do kilombo, ao longo do tempo, lutaram para tornar o território um espaço no qual as tradições, a religiosidade e a ancestralidade fossem a base de suas práticas no qual o “bem viver coletivo busca respeitar o direito intrínseco de como cada sujeito se coloca no Kilombo” (YASHODHAN; KIEKOW, 2017, p.18.). Na CoMPaz construíram uma leitura holística de vida e de mundo que contempla aspectos materiais e imateriais que permitem uma vivência da espiritualidade e da vida comunitária como processo de afirmação da possibilidade de outras formas de existir e resistir e “imaginar outros mundos”, nos termos de Acosta (2016).

EKONOMIA AFETIVA

A espiritualidade é um caminho sem volta
Morada da Paz

Na CoMPaz as estratégias de sustentabilidade também passam pelo coletivo e cada um oferece o que pode em termos de dinheiro - há uns poucos que trabalham fora do Território - e o recurso financeiro é utilizado de forma coletiva e nos ipadês de ecogestão decidem como que irão gastar, dando prioridade para as demandas coletivas e, na medida em que é possível, atendem as demandas individuais. Para além do dinheiro, se fala em recursos: o tempo, a força de trabalho, os diferentes níveis de conhecimentos, os interesses são também contribuições que cada morador oferece, a partir das suas condições de existência. Todos esses elementos compõem o que convencionamos chamar de ekonomia afetiva, que condensa as estratégias de sustentabilidade da CoMPaz.

10 Namastê Odirê: O Deus que habita em mim saúda o Deus que há em ti para que tu tenhas o melhor dos teus dias no dia de hoje! Saudação ritual na chegada ou quando cumprimentam alguém.

11 Ago Yê Mojubá: expressão que indica respeito pela fala e pela escuta. Saudação ritual quando se pede o axé (poder, energia ou força em iorubá) de fala.

Para a comunidade tudo pode ser recurso: o tempo e a presença, os braços disponíveis para auxiliar no plantio ou na construção de estruturas dentro do território, pessoas dispostas a cuidar das crianças, a cozinhar, a tecer relações com outros coletivos externos, todo trabalho e dedicação de tempo dados à comunidade são percebidos como recursos. O que chamam espiritualidade, e suas muitas ferramentas, fornece recursos de cura, de cuidado, de “manutenção energética”. A natureza oferece recursos, de cura, de alimento e nutrição, de moradia. As doações de comida, de roupa (a partir da qual a comunidade seleciona o que deseja para si e o restante alimenta o brechó que realizam), de materiais de construção ou outros. Materiais reciclados podem ser recursos de artesanato, assim como retalhos de tecidos. O dinheiro, portanto, não é concebido como o único recurso. Ao contrário, é tomado como um entre tantas possibilidades (FLORES, 2018, p.217)

Na busca pelo bem viver seus doze moradores adultos - três homens e nove mulheres - aos poucos foram deixando seus empregos na cidade, seguindo a orientação de Mãe Preta, e se dedicaram a transformar a Morada em um espaço do qual tiram seu sustento por meio de vários projetos ali desenvolvidos - tem hortas de verduras, legumes, chás e temperos, pomar de frutíferas, tudo orgânico ao lado de matas nativas. As mulheres e jovens confeccionam bolsas e acessórios, oferecem pães e produtos alimentícios em feiras e em um Café situado na universidade. Suas crianças - três meninos e cinco meninas, entre dois e catorze anos - e seus jovens - um homem e uma mulher, ambos na idade de dezessete anos, participam de todo processo, acompanhando seus pais e parentes no horário em que não estão na escola.

Toda a comunidade optou por seguir a orientação de Mãe Preta e se organizar para “viver de projetos, e dedicar a vida às ações em que se acredita. Ações que atuam na “mudança que queremos ver no mundo” (FLORES, 2018, p.219) e a partir daí desenvolveram várias estratégias que passam pela agricultura, pelas atividades de ensino, cura e cuidado, por participar de editais públicos, por chás e almoços comunitários, pela produção e venda de produtos alimentícios e acessórios, por doações e campanhas. O conjunto de estratégias de sustentabilidade da CoMPaz são denominadas *ekonomia afetiva*, atividades de cuidado que buscam garantir a sustentabilidade financeira dos moradores.

Atualmente a CoMPaz desenvolve projetos por meio do Instituto CoMPaz que surge em 2015 para dar sustentação ao que Mãe Preta havia orientado: viver de projetos, possibilitar o oferecimento de cursos de formação e a participação da CoMPaz em feiras e outros eventos. “Mais do que isso, seria uma forma de aliar os diferentes desejos de desenvolverem ações que lhes fossem prazerosas, atuantes na criação de um mundo que se deseja e, ao mesmo tempo, fornecessem as bases materiais para suas vidas” (FLORES, 2018, p.222). Das ações que visam a sustentabilidade do território, destacamos: *Apoiwa*¹² CoMPaz é o braço empreendedor comunitário, presente nas feiras dentro e fora do território CoMPaz, onde são oferecidos produtos artesanais do kilombo, como brinquedos, roupas e alimentos. Na perspectiva da CoMPaz, essas atividades são trabalho de verdade pois estão atreladas à sua espiritualidade e torna possível desencadear processos criativos que possibilitam um bem viver de matriz comunitária no qual apostam em um futuro diferente, em um kilombo que irá “durar dez mil anos”, como bem prediz Mãe Preta.

PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO

Há portas que só se abrem pelo lado de dentro
Mãe Preta

Uma característica importante dos adultos que ali vivem é seu alto grau de escolarização – a grande maioria têm graduação e pós-graduação e continuam estudando – e a valorização da educação, não como um mero instrumento de ascensão

12 *Apoiwá* é um termo em iorubá que significa *saco de criação*.

social ou para se encaixar nos valores defendidos pelo capitalismo e globalização hegemônica, mas como uma forma de acesso ao conhecimento acumulado pela humanidade e direito à memória e história. A educação formal, segundo essa lógica, abre portas que tornam possível o acesso a tecnologias e experiências sociais que podem ajudar na qualidade de vida no kilombo e se contrapor aos ataques de fundamentalistas e à criminalização dos terreiros e quilombos. Para além dessa educação formal, defendem um projeto de escola intercultural, pautada na diversidade e nos direitos dos homens, mulheres e crianças e para isso batalham por uma educação do campo kilombola, que ofereça alternativas credíveis para permanecerem e fortalecerem a comunidade. Como sabem que o nome tem poder, chamam de Pedagogia do Encantamento as práticas educativas que desenvolvem na CoMPaz.

Ela se expressa nos processos de Desformação onde estudam e praticam a mediunidade mensalmente. Entende-se também a desformação como um processo a partir do qual todo sujeito passa na medida em que aceita viver a espiritualidade nos termos propostos pela Morada da Paz. “Desformar é, como Mãe Preta diz, tirar da forma em que fomos formatados, ou aprender a desaprender o modo como fomos ensinados” (FLORES, 2018, p.229).

Há também os Encontros Dialógicos, espaços de partilhas com a rede escolar e demais interessados em dialogar sobre uma visão de educação integral e humanizada que é guiada pela cosmovisão afrobudígena da CoMPaz. Os encontros ocorrem uma vez por mês, iniciando em junho e finalizando em novembro. Cada encontro tem uma temática específica que dialoga com os saberes e fazeres da comunidade (YAMORÔ; OPÁ TENONDÉ, 2018).

O ponto de cultura da infância Omorodê desenvolvem várias atividades de que envolvem a etnoludicidade que é um termo que Yamorô, uma das Yás, criou para designar as brincadeiras tradicionais que vem sendo pesquisadas junto aos mais velhos e às mais velhas dos povos e comunidades tradicionais e que falam dessas brincadeiras tradicionais que aparecem em várias tradições e temporalidades. O brincar educa e ensina a história e a cultura dos povos africanos e afrobrasileiros. No ponto de cultura há atividades de contação de história com a Vó Francisca.

A contação de história da Vó Francisca do Kilombo de Mãe Preta tem como objetivo fortalecer o legado oral do povo africano e afrobrasileiro e de estimular que outras aprendizagens possam se estabelecer no indivíduo que compartilha da vivência de interagir com a história contada. Usando da metodologia da oralidade e da circularidade que são princípios da cosmovisão africana, observamos que as aprendizagens se estabelecem através do convívio em comunidade. Aprende-se a contar história porque se convive com a ancestralidade e a circularidade da vida, onde crescemos e também contamos histórias para as gerações futuras, fortalecendo os valores civilizatórios africanos como estratégia de ensino, de resistência e de fortalecimento da identidade de um povo (YABACÊ; YASHODHAN, 2017).

Todos os jovens e as crianças do Território frequentam regularmente a escola regular, fora da CoMPaz, têm bom rendimento escolar e os jovens se preparam para o vestibular em universidades públicas. As crianças e jovens que cursam o ensino fundamental têm que caminhar muito para chegar à escola porque não há transporte público disponível e os jovens que cursam o ensino médio tem que ir até Porto Alegre para poderem cursar a escola pública.

As crianças pequenas – entre dois e quatro anos – que ainda não frequentam a educação infantil participam de atividades educativas no kilombo, antecipando as vivências de desformação na Comkola, a Escola Comunitária Kilombola Epé Layie, que significa terra viva, gestada desde 2013 e que está em vias de se concretizar: os trâmites burocráticos para sua implementação estão sendo organizados, seu projeto político pedagógico sendo elaborado e o local já viabilizado.

A Comkola surge da necessidade de uma educação biocêntrica, intercultural, baseada na diversidade, na cooperação e nos direitos humanos, que contemple a história e a tradição dos povos africanos que compõem a população brasileira porque apesar de previsto na legislação – Lei 10639/03, as escolas públicas raramente incluem em seu currículo disciplinas de história

e cultura africana e afro-brasileira. A ideia é que os mais novos possam ser alfabetizados já na escola kilombola e ter acesso a uma educação que valorize sua história e cultura.

Sem abrir mão da sua história, tradições e religiosidade, vemos que no Território de Mãe Preta os mais novos produzem várias manifestações culturais contemporâneas como poesias e músicas nas quais traduzem esteticamente a violência simbólica que sofrem em cada episódio de preconceito racial ou de gênero que vivenciam fora do território. Uma jovem moradora declara seu espanto ao perceber pela primeira vez que o motivo de muitos atravessarem a rua perto dela era “o medo pela cor de sua pele preta”. Uma música do Coletivo Maracatu Semente de Baobá, formado pelos jovens moradores e moradoras do kilombo, descreve as situações de preconceito e arbitrariedades que os jovens kilombolas estão sujeitos. Essas arbitrariedades são as mesmas a que todos os jovens negros estão sujeitos:

É, quando eu vou no mercado
Vejo o segurança me seguindo, todo espiado.

Na madrugada todo mundo voltando do fervo
E mesmo assim, a polícia para o negro.
Muitas vezes são de bem, estavam só na curtição
Mas para eles temos mesmo é cara de ladrão.

Ai eu me deparo com a situação:
A polícia gritando e eu deitado no chão.
Não importa quantas vezes eu pare e pense
Nunca parece ter um motivo convincente.

Ayan (2017).

Não obstante todas as dificuldades, todos moradores da CoMPaz veem na educação uma possibilidade de qualificar sua presença no Território e lutam por uma escola enraizada, dialógica, que propõe um projeto humanizado e humanizador, de cunho emancipatório, construído a partir do diálogo que as Yás e o Baba mantêm com a universidade e o conhecimento formal e as orientações de Mãe Preta, Seu Sete e os Orixás que frequentam o território e os educam para reafirmar seu modo de ser e viver kilombola, ancorado na espiritualidade onde o passado é honrado e valorizado porque contém e perpetua a experiência social dos mais velhos e dos ancestrais a partir das narrativas e vivências.

A MORADA COMO UM ESPAÇO DO BEM VIVER

Todas as atividades desenvolvidas no Território são sob a guiança de Mãe Preta e das Yás que compartilham com os mais jovens a organização da comunidade. O conjunto das atividades desenvolvidas pela CoMPaz, aqui rapidamente descritas, sugere que várias tecnologias e experiências sociais são desenvolvidas dentro da comunidade e suas narrativas são importantes fontes de pesquisa. O kilombo, seu terreiro e diferentes territorialidades têm suas regras, uma ética e uma estética: produzem cultura, educam, tem uma economia que garante sua sustentabilidade e simbologia.

Essas práticas, em nossa leitura, indicam um futuro de possibilidades já existentes, “plurais e concretas, simultaneamente utópicas e realistas, concretizadas através das atividades de cuidado” (SANTOS: 2006, p.116). Dialogam com um saber tradicional, matricial, crítico e autocrítico, contextual que permite gestar projetos produtivos de caráter autosustentáveis e emancipatórios que buscam transformar e transcender a realidade. O Kilombo realiza um trabalho de recuperação da sabedoria ancestral africana e afrobrasileira, que relacionamos com a ideia de Bem Viver que é um “processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a Natureza” (ACOSTA, 2016, p.24). Este autor

sustenta que os indígenas - e nós acrescentamos os quilombolas e demais povos tradicionais - não são pré-modernos nem atrasados.

Seus valores, experiências e práticas sintetizam uma civilização viva, que demonstrou capacidade para enfrentar a Modernidade colonial. Com suas propostas, imaginam um futuro distinto que já alimenta os debates globais. O Bem Viver faz um primeiro esforço para compilar os principais conceitos, algumas experiências e, sobretudo, determinadas práticas existentes nos Andes e na Amazônia, assim como em outros lugares do planeta (ACOSTA, 2016, p.24).

Neste artigo apresentamos uma cartografia possível de uma pesquisa ainda em curso, que vem ao encontro da percepção da comunidade da necessidade de sistematizar toda uma gama de saberes ameadados para qualificar e prosseguir a sua missão de transformação civilizatória. Nesse sentido, entendemos que este estudo se insere no conjunto de uma série de propostas oriundas de diferentes culturas que buscam bem conviver em comunidade e com a natureza, revelando as potencialidades, as contribuições, as articulações, as novas configurações, os alcances, os desafios, os limites e as tensões que a produção de um conhecimento crítico sobre o quilombo, com o quilombo, do quilombo pode visibilizar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOSTA, Alberto. O bem viver; uma oportunidade para imaginar outros mundos. SP: Editora Elefante, 2016.
- ACSELRAD, Henri (org.). Cartografias sociais e território. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRGS, 2008.
- ALMEIDA, A.W. Os quilombos e as novas etnias In: LEIT O (org.) Direitos Territoriais das Comunidades Negras Rurais. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1999.
- AYIAN. Pare e pense. Triunfo, Música, 2017.
- BAOGAN. Lugar, vivências e territorialidade kilombola: um ensaio sobre a Comunidade Morada da Paz. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAGED/EduCampo, 2017.
- BRASIL. Guia de políticas públicas para Comunidades Quilombolas – Programa Brasil Quilombola. Brasília: SEPPIR, 2013.
- BRASIL. Quem são os povos e comunidades tradicionais do Brasil? IN: BRASIL. Desenvolvimento Rural: povos e comunidades tradicionais. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/perguntasfrequentes?catid=16>, acesso em 15/12/2018.
- CARVALHO, M.C.P; TURATTI, M.C.M.; SCHMITT, A. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas IN: Ambiente e Sociedade, Ano V - No 10 - 1o Semestre de 2002.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Mil platôs; capitalismo e esquizofrenia. Vol1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo, ESCOSSIA, Liliana da. Pistas do método da cartografia; pesquisa intervenção e produção da subjetividade. Porto Alegre, Sulina, 2015.
- KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo, ESCOSSIA, Liliana da. Pistas do método da cartografia; a experiência da e o plano comum. Porto Alegre, Sulina, 2016.
- KIEKOW, Pedro E. Epé Layiè (Terra Viva). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAGED/EduCampo, 2017.
- LABREA, Valéria Viana. Cartografias de memória social, tecnologias sociais e produção de conhecimento contextual na Educação do Campo. Projeto de Pesquisa e Extensão Universitária. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 2017.
- LABREA, Valéria Viana, YASHODHAN, BAOGAN, FLOYAN, YAMORO, YABACE, OPA TENODE, KIEKOW, Pedro, Eduardo. Pedagogia do encantamento e economia do afeto: cartografia subjetiva em território feminino kilombola. Porto Alegre, Faced/UFRGS, 2017 (Projeto de Pesquisa OKARAN)
- ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. SP: Estação Liberdade, 1989.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (org.) Democratizar a democracia: Os caminhos da democracia participativa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. A gramática do tempo; para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.
- SEMENTE DE BAOBÁ. Negra Essência. Música, 2017.
- YASHODHAN; KIEKOW, Pedro E. Inventário em Comunidade Kilombola Morada da Paz Território de Mãe Preta. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAGED/EduCampo, 2017.

